

A PLURIFUNCIONALIDADE DO PRONOME NO DESENVOLVIMENTO LINGÜÍSTICO RECONSIDERADA

LETÍCIA M. SICURO CORRÊA
(PUC/RIO)

Neste artigo pretendo discutir a questão da plurifuncionalidade do pronome livre ou referencial no desenvolvimento lingüístico. Por plurifuncionalidade do pronome, pode ser entendida a propriedade que têm as formas pronominais livres (fonologicamente manifestas) de serem utilizadas de forma dêitica e anafórica e, em sua utilização anafórica, atuarem de forma a manter ou alterar a referência correntemente estabelecida, comportando-se, assim, ora de modo semelhante a uma forma pronominal fonologicamente nula (*O* ou *pro*), ora de modo semelhante a uma forma nominal definida.

A plurifuncionalidade do pronome tem sido, já tradicionalmente, apontada como um problema com o qual a criança se depara ao longo do desenvolvimento lingüístico (Bamberg, 1986; Karmiloff-Smith, 1980; 1981). Durante este percurso, a criança lidaria com diferentes estratégias no estabelecimento da referência, as quais seriam reveladoras do modo como ela representaria a relação forma-função mantida pelo pronome. Num primeiro momento, a criança atribuiria ao pronome uma função eminentemente dêitica. Posteriormente, atribuiria ao pronome uma função anafórica, embora a possibilidade de este ora alterar ora manter a referência não fosse inicialmente explorada, visto que a criança privilegiaria uma particular função para esta forma até que viesse a manifestar flexibilidade na utilização da mesma. Característica da fase “uma forma-uma função”, seria a estratégia do sujeito temático-procedimento através do qual a criança sistematicamente identificaria uma forma pronominal manifesta com o sujeito temático de uma narrativa-i.e. o personagem que conduz a ação narrativa. A possibilidade de o pronome se referir a outro elemento diferente do sujeito temático requereria uma ou sucessivas redescrições do sistema de referência, a partir das quais maior flexibilidade em seu uso seria atingida. O estabelecimento da referência pronominal pela criança apareceria, assim, como índice de um processo evolutivo de natureza reorganizacional, através do qual a representação do sistema de referência da língua pela criança passaria por sucessivas redescrições até atingir uma versão tal que desse margem a uma maior flexibilidade no uso das formas pronominais, no que diz respeito às diferentes funções por elas assumidas.

Embora considere que há aspectos do desenvolvimento lingüística passíveis de serem caracterizados como decorrentes de processos reorganizacionais, venho

apresentar a tese de que o estabelecimento da referência pronominal pela criança não se configura como índice de um processo de redescrições sucessivas no qual possíveis relações forma-função seriam alteradas. O modo como a referência pronominal se estabelece na produção narrativa de crianças não seria decorrente de uma particular configuração representacional do sistema lingüística de referência e sim do modo como a criança coordena, na produção narrativa, o desenvolvimento temático, o desenvolvimento de cada episódio ou segmento discursivo, ao mesmo tempo que planeja e executa cada enunciado lingüístico.

Começarei por discutir a plurifuncionalidade do pronome como um problema no desenvolvimento lingüística. Toda a discussão ficará restrita ao pronome sujeito, embora creia que a argumentação teórica, aliada a considerações de ordem gramatical, possa ser mantida para pronomes complemento. Em seguida irei considerar o que seria requerido da criança para o estabelecimento de relações anafóricas. Por fim, examinarei dados da produção narrativa de 48 crianças de 5, 7 e 9 anos, que corroboram a presente argumentação.

1. O QUE O ESTABELECIMENTO DA REFERÊNCIA PRONOMINAL APRESENTA COMO PROBLEMA NO DESENVOLVIMENTO LINGÜÍSTICO?

Vimos que a plurifuncionalidade do pronome apresenta-se como um problema com o qual a criança teria que lidar no curso da aquisição da linguagem. Contudo, as diferentes funções atribuídas a esta forma, - dêitica e anafórica, sendo esta última subespecificada nas funções de manter e alterar a referência, não se encontram claramente caracterizadas.

O que caracterizaria uma utilização dêitica do pronome? A necessidade de o ouvinte buscar, no contexto de enunciação, o referente pretendido pelo interlocutor seria um indicador suficiente de que a criança associa (em nível representacional) à forma pronominal uma função puramente dêitica? Outros tipos de indicadores podem ser considerados. Um uso sistemático, até exclusivo, do pronome referencial, no lugar dos dêíticos *este*, *esse*, *aquele*, em respostas a perguntas (QU) relativas à identificação de um particular referente, poderia, por exemplo, ser tomado como uma evidência mais conclusiva da atribuição de uma função dêitica para o pronome. Não tenho, contudo, conhecimento de dados da aquisição da linguagem que apontem para tal uso. Seria, portanto, interessante rever as condições da chamada utilização dêitica do pronome pela criança de modo a avaliar o status representacional dessa forma. Retomaremos esse ponto após a discussão que se segue, uma vez que uma interpretação alternativa ao uso dêitico do pronome pela criança será dependente daquela.

Quanto à função anafórica, não fica suficientemente claro, a partir de uma leitura na literatura em aquisição da linguagem, o que pode ser entendido como manutenção ou alteração da referência. Que referência seria mantida ou alterada? Pode-se, em princípio, considerar o estabelecimento da referência a partir de um

elemento lingüística, seja de ordem gramatical ou textual. Assim, a referência a ser mantida ou alterada seria identificada a partir de um SN ou de um elemento temático, tal como o sujeito ou o objeto de uma ação narrativa. Tal critério lingüístico/textual tem orientado de forma mais ou menos explícita a análise da produção narrativa de crianças. O sujeito temático tem sido, por exemplo, tomado como elemento crucial no estabelecimento da referência. Em relação a este elemento tem sido caracterizado o chamado nível global para o estabelecimento de relações anafóricas. O nível local dessas relações, embora considerado, não tem sido caracterizado de forma explícita.

Em Corrêa (1993), fez-se uma tentativa de estipular critérios objetivos para a caracterização desses níveis. O nível local seria definido em relação ao sujeito (ou ao SN mais à esquerda) da oração imediatamente anterior a que conteria a forma anafórica em questão. Embora esse critério tenha sido instrumental para a análise então conduzida, esta apontou para a necessidade de se levarem em conta fatores tais como a natureza da oração imediatamente anterior à que contém a forma anafórica (se ou não encaixada), a presença ou ausência de vínculo sintático entre as orações envolvidas, assim como a ordenação de constituintes numa dada oração, os quais apontam para a necessidade de, por um lado, se considerar o “período” (que seria um tipo de oração funcional tal como caracterizada em Flores d’Arcais em Shreuder, 1993) como uma unidade de referência e, por outro, se considerarem pequenas alterações no “foco” da referência em uma oração.

A noção de “foco da referência” aparece como fundamental para um entendimento do modo como a referência se mantém e é alterada, considerando-se “foco” não nos termos informacionais com que este termo é tradicionalmente apresentado e sim em termos processuais, ou seja, como representação temporária que se mantém particularmente ativada na memória de processamento, podendo ser momentaneamente alterada, quando da realização de uma particular unidade de processamento.

A caracterização do nível global em Corrêa (1993) apresentou dificuldades iniciais: que unidade de referência, deveria ser tomada para a caracterização desse nível - o elemento temático, tal como tradicionalmente assumido, ou o elemento em torno do qual se organiza um episódio ou um segmento de discurso (identificável a partir de um critério temático-formal (Corrêa, 1994))? Em narrativas simples, tais como as utilizadas em estudos anteriores, nas quais se apresentam um personagem principal e um secundário, caracterizar o estabelecimento em nível global em relação ao sujeito temático é satisfatório. Contudo, em narrativas complexas tais como as eliciadas pelo material usado naquele estudo (livro de gravuras contendo quatro personagens de mesmo gênero, sendo um sujeito temático, um objeto temático, um personagem coadjuvante e outro secundário), nas quais vários episódios se sucedem, os quais não são necessariamente protagonizados pelo sujeito temático, o episódio, ou mais especificamente o segmento de discurso (equivalente a um sub-episódio ou mesmo digressão (Corrêa, 1994)) em questão aparece como uma unidade relevante. Verificou-se, na análise da produção narrativa de adultos que, embora o elemento temático seja passível de recuperação anafórica ao longo do discurso, o falante prioriza a representação equivalente ao elemento em torno do qual se organiza um episódio ou segmento discursivo. A noção de “foco”, tal como definida inicialmente,

se presta à caracterização deste elemento enquanto representação que se mantém particularmente ativada quando da realização do processamento dessa unidade discursiva.

Verifica-se, assim, que uma caracterização do modo como se estabelece a referência em termos estritamente lingüísticas, ou seja, em função de um elemento gramatical, tal como um SN, ou textual, tal. como o sujeito temático, não é satisfatória. Faz-se necessário considerar o estabelecimento da referência em termos processuais, tomando-se o foco da referência, enquanto representação que se mantém ativada na memória quando da realização de uma unidade de processamento, como o elemento em relação ao qual a manutenção, e a alteração e uma recuperação da referência se realizam.

Pode-se distinguir foco da referência de representações correspondentes aos elementos temáticos da narrativa. Essa últimas seriam representações (temporárias) com razoável estabilidade na memória de processamento (working memory), as quais se mantém particularmente ativadas, possibilitando que se realize o desenvolvimento temático e se estabeleçam relações de coesão em nível global. O foco da referência, por outro lado, seria uma representação menos estável que as primeiras mas que se manteria particularmente ativada durante a realização de uma particular unidade de processamento.

Embora não seja possível caracterizar precisamente o que venha a ser uma unidade de processamento, consideram-se como possíveis unidades de processamento relevantes para o estabelecimento de relações anafóricas o episódio (ou seja, o equivalente processual ao episódio textualmente definido) ou mais precisamente o segmento de discurso (ou seja, o equivalente processual a uma unidade temática que é usualmente delimitada formalmente por conectores ou marcadores discursivos) e a oração funcional (ou seja, unidade de base sintática semanticamente completa a qual pode ser vista como o equivalente processual da noção tradicional de período). O foco do segmento de discurso pode ser identificado com a representação do referente do SN que introduz a primeira sentença da unidade temática em questão. O foco local pode ser identificado com o referente do SN sujeito ou mais à esquerda da unidade sintática correspondente à oração funcional em questão. Isso posto, pode-se caracterizar manutenção e alteração da referência em relação ao foco da referência em cada um desses níveis.

Uma referência anafórica iria necessariamente recuperar uma representação acessível na memória de processamento do falante (e, idealmente, na do ouvinte). Uma representação estaria acessível caso particularmente ativada ou caso mantida na memória imediata (nível da memória de processamento no qual seria conduzida uma análise de natureza lexical e sintática (cf. Corrêa, 1993; 1995)) em decorrência do processamento de um particular enunciado. Atribuindo-se à primeira um maior grau de acessibilidade que a essa última, tem-se, em princípio, pelo menos três candidatos à referência anafórica: a(s) representação(ões) que se mantém particularmente ativada(s) ao longo do discurso, equivalente(s) ao(s) elemento temático(s); o foco do segmento de discurso em processamento e o foco local, ou seja do enunciado em realização, embora outros fatores (tais como recentidade, direcionamento semântico) possam tornar uma ou outra representação mais acessível num dado momento.

Cabe ao falante gerar uma expressão referencial tal que recupere o referente pretendido, o qual pode estar mantido em nível temático, intermediário (relativo ao segmento de discurso em processamento) ou local, assim como em mais de um nível, considerando-se as combinatórias possíveis dos três (temático/intermediário; intermediário/local, etc), dando continuidade à narrativa.

A análise da produção narrativa de adultos (Corrêa, 1993; 1994) revelou que uma forma pronominal sujeito tende a ser gerada quando:

- ⇒ em sentença independente, o SN em questão tem como referente a representação correspondente ao foco do segmento discursivo em processamento;
- ⇒ o enunciado em processamento introduz um segmento de discurso recuperando o foco do episódio em processamento ou do segmento discursivo anterior. Nesse caso parece haver uma tendência ao uso do pronome quando o referente é também o elemento temático da narrativa.
- ⇒ o enunciado em processamento recupera o foco do segmento e antecedentes alternativos na oração imediatamente anterior têm um baixo grau de acessibilidade por se encontrarem em orações encaixadas, elou em orações com verbo no aspecto imperfeito (em contraste com o verbo no perfeito do qual o SN em questão é sujeito) elou em orações que a despeito de terem como referente um elemento diferente do foco do enunciado o mantém ativado através de elementos tais como o advérbio “também”;
- ⇒ o referente pretendido foi explicitamente colocado em foco na oração anterior;
- ⇒ em sentenças com vínculo sintático, recupera-se o foco local (do período) momentaneamente alterado (por inversões da ordem canônica, por exemplo) ou altera-se esse foco, estabelecendo-se um contraste com o uso de O, em orações coordenadas. Naqueles dados, tais ocorrências corresponderam também à recuperação do foco do segmento.
- ⇒ independentemente de vínculo sintático quando pausas, interrupções ou reestruturações do enunciado em processamento tornarem necessária a recuperação do foco local.

Observa-se, com base nessa análise, que a plurifuncionalidade do pronome não se apresenta como tal. O único caso em que o pronome aparece alterando o foco da referência diz respeito a um contraste entre pronome e O, em nível local, em oração coordenadas nas quais tal alteração promoveu a recuperação do foco do segmento. Essa ocorrência teve, contudo, baixa frequência naqueles dados. Pode-se, portanto, atribuir ao pronome a função de recuperar o foco da referência no nível do segmento. Isso irá requerer a coordenação dos níveis temático e intermediário acima caracterizados, quando da introdução de um segmento discursivo, e a coordenação dos níveis intermediário e local (possivelmente também do temático) quando da geração do sujeito de uma oração sintaticamente vinculada à anterior.

Note-se que o fator continuidade temática acima mencionado evidencia que há casos em que as condições de acessibilidade favoreceriam a atualização de um pronome mas esta forma não é a preferida. Trata-se, principalmente, dos inícios de

episódios e de segmentos discursivos que dão prosseguimento a um plano narrativo. Nesses casos, uma forma nominal definida é gerada.

Voltando à questão do desenvolvimento, temos que a plurifuncionalidade do pronome, por ser, em última análise inexistente, não pode apresentar um problema para a criança no curso da aquisição da linguagem. O que seria dela requerido de modo a estabelecer relações anafóricas com a flexibilidade sugerida impressionisticamente pela produção do adulto?

2. O QUE SERIA REQUERIDO DA CRIANÇA PARA O ESTABELECIMENTO DA REFERÊNCIA PRONOMINAL?

Vimos que o estabelecimento de relações anafóricas irá requerer a coordenação de pelo menos três níveis de ativação da memória de processamento. Será necessário, portanto, que o falante (i) monitore sua produção em nível temático; (ii) desenvolva um plano temático em unidades formal e tematicamente definidas organizadas em torno de uma dada representação, a qual ficará mais acessível quando do estabelecimento da referência anafórica e (iii) ao mesmo tempo realize o planejamento e a execução de cada enunciado lingüístico.

De um ponto de vista estritamente lingüística, cabe à criança identificar numa particular língua as formas pronominais e o modo como se realizam expressões referenciais. Para isso deverão atuar princípios universais de natureza especificamente lingüística assim como padrões interacionais a partir dos quais formas específicas seriam incorporadas. De um ponto de vista representacional, não parece haver necessidade de uma maior especificação funcional dessas formas do que seu caráter referencial, passível de ser caracterizado gramaticalmente. As funções que o pronome venha a exercer na produção da linguagem podem ser vistas como decorrentes do modo de operação do sistema de memória no processamento lingüística, da maneira como um particular discurso se realiza, além da atuação de fatores contingenciais que tornem necessária a recuperação do foco local.

Assim sendo, uma vez identificado o pronome e realizada qualquer forma de referência pronominal caberá à criança adquirir controle da produção discursiva de modo a coordenar os três níveis de memória acima especificados. Vejamos o que os dados da produção narrativa de criança sugerem acerca desse desenvolvimento.

3. O QUE SUGEREM OS DADOS DA PRODUÇÃO NARRATIVA DE CRIANÇAS?

Os dados que se seguem foram selecionados de forma a responder a algumas questões oriundas da discussão precedente. Estes foram obtidos em uma tarefa de produção de narrativas orais eliciada por um livro de gravuras (Ulmer, 1990). Neste apresenta-se uma história desenvolvida, em princípio, em 11 episódios. São 4 os personagens envolvidos, todos de mesmo gênero - um menino (sujeito temático), um

coelho (objeto temático); um cachorro (coadjuvante); um passarinho (secundário). A trama diz respeito à fuga do coelhinho e de sua procura pelo menino, seu dono, acompanhado de seu cachorro. O passarinho atua na resolução do conflito identificando para o menino onde se localizava o coelho. Embora a maior parte dos episódios seja protagonizada pelo menino (sujeito temático), há dois episódios protagonizados pelo coelho, um pelo cachorro e um pelo passarinho, de modo a que se pudesse verificar como a criança lidaria com o problema de organizar um segmento discursivo protagonizado por um personagem diferente do sujeito temático. Este material, elaborado com vistas a eliciar a produção narrativa de crianças foi o mesmo utilizado na obtenção das narrativas de adultos analisadas em Corrêa, 1993; 1994.

Consideraremos como a criança lida com episódios protagonizados por personagens diferentes do sujeito temático.

No grupo de 5 anos de idade, constatou-se que 47.8% das crianças não compreenderam a trama apresentada pelo livro e as restantes a compreenderam no que se refere à fuga do coelho e sua procura pelo menino e o cachorro, embora não tenham percebido o papel do passarinho em sua resolução. As crianças que não compreenderam a trama tenderam a desenvolver pseudo-episódios de caráter descritivo nos quais se observa como único elemento coesivo a recorrência da referência ao menino. É interessante notar que 30% dos pronomes utilizados por crianças que não entenderam a trama têm sua interpretação dependente do contexto de enunciação, o que poderia ser descrito como um uso dêitico do pronome. Nas narrativas das crianças que compreenderam a trama a enas 7.5% da referência pronominal poderiam ser assim caracterizadas. Essa observação sugere que realização basicamente descritiva do discurso quando do não desenvolvimento de um plano temático favorece essa utilização do pronome, corroborando a visão de que tal uso dêitico não decorre de um particular tipo de relação forma-função que venha a caracterizar uma dada fase evolutiva, no que diz respeito à aquisição do sistema pronominal da língua.

Nas produções em que não há o desenvolvimento de um plano narrativo propriamente dito, observa-se uma dificuldade na inicialização de fragmentos discursivos como em (1). Essa dificuldade pode sugerir a recorrência, por parte da criança, a uma estratégia do tipo sujeito temático. Contudo, não é claro se seria adequado caracterizar um sujeito temático quando não há realização de um plano narrativo. A recorrência desse personagem pode ser responsável pelo fato de sua representação se manter particularmente ativada na memória, o que facilitaria sua recuperação na tentativa da criança de preencher um esquema narrativo, na ausência de um planejamento temático.

(1) //e aí o coelhinho viveu/viveu muito legal lá na floresta. O (?) Convidou os amiguinhos do coelho e ainda ele (?) na floresta (. .) //

/ Depois O parou e O ficou brincando com seu cachorrinho./

/Aí ele (?) foi e O gostou de brincar. O Brincou com ele/com o coelhinho//

Entre as crianças que demonstraram ter compreendido parcialmente a trama, verificase que, no episódio protagonizado pelo coelho, a referência pronominal é feita ao foco do segmento discursivo e a retomada do sujeito temático é feita por forma nominal definida (cf.(2) e (3)).

(2) //O coelhinho estava numa floresta e ninguém num tava vendo ele e... o menininho ele nao queria ir pra /pra floresta. Porque ia .../podia ter um lobo alguma coisa que podia pegar ele.//

*(3) //Aí o coelhinho tava numa floresta. Ele encontrou um monte de amiguinho./
/Aí depois ele ficou com a coruja e o menininho ficou triste.//*

Esses dados sugerem que a articulação entre os níveis temático e intermediário possibilita à criança utilizar-se do pronome na recuperação do foco do episódio.

O episódio protagonizado pelo cachorro foi produzido por quatro das nove crianças de 5 anos que demonstraram ter compreendido a trama. Estes episódios sugerem, novamente que o estabelecimento da referência pronominal é feito em relação ao foco do episódio e que a reintrodução do sujeito temático é feita por uma forma nominal definida (cf. (4) e (5)). Em (6) observa-se que o episódio se constitui de pequenos segmentos equivalentes a uma sentença, os quais não são explicitamente articulados. A utilização exclusiva da referência definida pode, então, ser decorrente de uma dificuldade na articulação dos níveis intermediário e local. Em (7), observa-se que a coordenação dos níveis episódico e temático ainda pode se constituir numa dificuldade para a criança, no momento em que esta parece se distanciar da perspectiva de narrador, introduzindo-se (pela referência dêitica “aqui”) no texto.

(4) // Aí o cachorro viu a vaca e O ficou com medo. O Fez até um ai!... E e ...o menininho gritou cachorrinho venha cá...//

(5) //Aí Totó achou uma vaca.//

Aí o menininho pegou um pau e Totó pulou nele//

(6) // O cachorro viu o boi o outro boi e o menino chamando./

/ (...). O menino viu a vaca./

/ Depois o cachorrinho subiu em cima do menininho//

(7) // Aí depois o cachorrinho cavou o buraco pra achar ele./

// Aí depois ele latiu por causa da vaca. Ele correu pra... a vaca correu atrás dele./

//Aí a vaca ficou ali.. a... ela quis pegar o menininho e o cachorrinho./

//Quando ele (menino) deu o pau aqui na bunda dela aí ele/ela quis pegar eles dois./

Nenhuma narrativa de criança de 5 anos apresentou um episódio centrado no personagem passarinho. O grupo de 7 anos tendeu a construir tal episódio em forma de diálogo, não havendo uma realização propriamente narrativa deste episódio neste grupo. No grupo de 9 anos esta tendência ainda se faz presente. Contudo, observam-

se algumas realizações narrativas que podem ilustrar as demandas cognitivas que o planejamento e a execução desse episódio impõem.

Nota-se a predominância de formas nominais definidas e uma possível dificuldade do planejamento do enunciado sugerida pela auto-correção em (8).

*(8) //Aí o pássaro falou com o cachouinho e o cachorinho chamou o... o menino.
E o menino/e o
pássaro pousou na mão do menino e o cachorrinho latindo... //*

Em (9), observa-se a utilização do pronome em oração coordenada recuperando o foco do segmento em nível local, o qual foi explicitamente alterado pela inversão da ordem canônica, na introdução do personagem secundário.

(9) //Veio o passarinho e ele era muito fofoqueiro... e O disse para eles onde é que estava o coelho.//

Em (10), observa-se a realização do episódio através de uma seqüência de sentenças (fragmentos discursivos) justapostas, o que pode sugerir dificuldades na articulação entre os planos intermediário e local, possibilidade reforçada pelas reestruturações do período e pela deslocamento do narrador, o qual se distancia do texto para acrescentar uma informação.

*(10) //Daí o cachorro foi falar com o passarinho.
/Daí o menino parou de chorar./
/ O cachorro falou assim .. / o passarinho falou pra ele o coelho tá na floresta lá do outro lado do lago./
/ O cachorro .. o cachorro falou assim./
(O rabo dele tá balançando. Deve ser alguma coisa de encontrar o coelho)*

Em (11) os sucessivos encaixamentos de orações revelam que esta criança superou dificuldades tais como as manifestas em (10) na realização do episódio em nível local. Observa-se também a predominância da referência definida para todos os personagens reintroduzidos no período complexo, a despeito do alto grau de acessibilidade de todos os elementos. É possível que um total domínio do estabelecimento da referência anafórica se evidencie não na utilização do pronome mas em sua não utilização, independentemente das condições de acessibilidade favoráveis a seu uso. A geração de formas referências definidas nesse caso adviria do monitoramento da produção nos três níveis citados e possivelmente de uma avaliação da perspectiva do interlocutor.

(11) // O menino começou a chorar .. Tinha até um passarinho assistindo... E o passarinho desceu pra perto do cachorrinho./

/ Ai o cachorro começou a puxar o menino prum lugar onde o passarinho tinha dito que estava o coelho.//

Os dados aqui analisados, embora de modo puramente interpretativo, corroboram a tese de que o estabelecimento da referência pronominal não se constitui num problema de natureza propriamente lingüística para a criança. As dificuldades parecem decorrer das demandas cognitivas impostas pela necessidade de se coordenarem três níveis de atividade da memória de processamento. Quando estas dificuldades são superadas, o estabelecimento da referência pronominal não se distingue do padrão apresentado pelo grupo de adultos.

A coordenação de níveis de atividade da memória de processamento na produção do discurso apresenta-se como uma particular forma de desenvolvimento cognitivo ou psicolingüístico não vinculado ao desenvolvimento gramatical. Assim sendo, embora o estudo do estabelecimento de relações anafóricas por crianças tenha sido motivado por considerações relativas à aquisição do sistema de referência da língua, na qual atuariam processos reorganizacionais, não encontramos evidências que sugiram haver necessidade de redescrições em representações relativas ao sistema pronominal. Estudos recentes apontando para a impossibilidade de adultos lidarem com intuições acerca da utilização de formas anafóricas convergem para a conclusão a que aqui chegamos (Karmiloff-Smith, 1992).

REFERÊNCIAS

- BAMBERG, M. *A functional approach to the acquisition of anaphoric relationships*. *Linguistics*, 24, 227-284:1986.
- CORRÊA, L.M.S. *Restrições ao pronome livre na linearização do discurso*. *Palavra*, 1, 75-95:1983.
- _____. Relatório CNPq. 1994.
- _____. *The Relative Difficulty of Children's Comprehension of Relative Clauses: A Procedural Account*. In: K.E. Nelson & Z. Réger (Eds.) *Children's Language*, vol. 8, 225-244, Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum Assoc. 1995.
- FLORES D'ARCAIS, G. e SCHREUDER, R. *The Process of Language Understanding: A Few Issues in Contemporary Psycholinguistics*. In: G.B. Flores d'Arcais e R.J. Jarvella (Eds.) *The Process of Language Understanding*, 1-42, Chichester: John Wiley. 1983.
- KARMILOFF-SMITH, A. *Psychological Processes Underlying Pronominalization in Children's Connected Discourse*. In: J. Kreiman & A. Ojeda (Eds.). *Papers from the Parasession on Pronouns and Anaphora*. Chicago:CLS. 1980.
- _____. *The grammatical marking of thematic structure in the development of language production*. In: W. Deutsch (Ed.). *The Child's Construction of Language*. London:Academic Press. 1981.
- _____. *Beyond. Modularity*. Cambridge, Mass.: MIT Press. 1992.
- ULLER, M.C. *Um estudo evolutivo da produção e da compreensão das relações anafóricas*. Dissertação de Mestrado. PUC/RIO. 1990.